

DUAS FACES DA GUERRA COLONIAL: OS CUS DE JUDAS E MAYOMBE

Fernanda Dias Lobo (UEA)¹

Prof. Dr. Otávio Rios Portela (UEA/orientador)²

RESUMO: Partindo do contexto da Guerra Colonial que se desenrola na África Portuguesa de 1961 a 1974, o presente artigo tem por objetivo estabelecer um paralelo entre as obras *Os Cus de Judas* (1979) e *Mayombe* (1980), respectivamente de Lobo Antunes e Pepetela. Este estudo não está organizado em capítulos propriamente ditos, mas em seções que pretendem debruçar-se sobre as figuras dos narradores, da metamorfose das personagens e, de maneira especial, da visão que se constrói para Angola com/a partir da Guerra Colonial que afetou Portugal e as ex-colônias portuguesas no continente africano.

Palavras-chave: Experiências da guerra; Literatura e testemunho; Literatura de língua portuguesa; *Mayombe*; *Os Cus de Judas*.

¹ Graduanda do curso de Letras – língua Portuguesa da Universidade do Estado do Amazonas (UEA);

² Professor Doutor da Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

Banca Avaliadora 1: José Benedito dos Santos

Banca Avaliadora 2: Elaine Pereira Andreatta

Local: Universidade do Estado do Amazonas no dia 14/12/2017

Considerações iniciais

Vivemos numa sociedade na qual os estilhaços do passado estão sempre presentes, seja na forma da narrativa histórica, seja na forma das múltiplas dimensões artísticas, entre as quais a literatura ganha relevo. Sabe-se que a literatura portuguesa e as literaturas africanas de língua portuguesa, sobretudo nos últimos anos da década de 1970 e ao longo da década de 1980 abordam, a Guerra Colonial (nomeada Guerra Ultramar pelos portugueses e Guerra da Libertação pelos africanos). Muitos romances contemporâneos (pós 25 de abril de 1974) narram acontecimentos, vivências, perdas e metamorfoses da guerra, utilizando-se do artifício da memória como instrumento na construção da ficção. O presente estudo se justifica pela necessidade de ampliação desse campo de pesquisa, qual seja: o debate sobre esse importante momento da história do mundo de língua portuguesa, em que confrontamos os olhares do colonizador e do(s) colonizado(s) na tessitura de uma narrativa que é simultaneamente literatura, história e testemunho. Nesse sentido, vale recordar as palavras de Jacques Le Goff, um dos mais notáveis historiadores da segunda metade do século XX: “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.” (2008, p. 471).

A narrativa metaficcional entrelaça a ficção ao real. Ao longo das obras *Os Cus de Judas* (1979) e *Mayombe* (1971), podemos notar olhares distintos sobre a guerra, a metamorfose, assim como a forma de ação da PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado) e do MPLA³ (Movimento Popular pela Libertação da Angola). Ao abordar os autores dos livros, é possível reconhecer em suas obras traços que não são apenas uma “estória”⁴, mas sim experiências que Lobo Antunes e Pepetela nos trazem no decorrer dos romances. Este trabalho visa analisar divergências e convergências postas nos romances de Lobo Antunes e de Pepetela, analisando as seguintes categorias: os narradores; a visão de Angola e a metamorfose vivenciada pelos personagens no decurso do fluxo narrativo.

Lobo Antunes, nascido em 1942, formou-se em medicina e especializou-se em psiquiatria. Com a Guerra Colonial se aproximando do fim, foi convocado pela PIDE para servir como oficial médico de 1970 até 1973, em Angola. Grande parte de sua experiência clínica

³Partido político angolano que surgiu em 1956, com o objetivo de libertar Angola do domínio colonial português, no qual iniciou a luta armada contra o governo colonial português em 1961.

⁴Já não é costumeiro diferir *estórias* de *histórias*, por compreendermos, hoje, que o segundo termo abarca as formas de narrativa que se calcam tanto na ficção quanto na realidade. Apesar disso, utilizamo-nos do primeiro termo, propositalmente, para marcar aqui um viés de ficcionalização das memórias.

deu-se na Guerra Ultramar. Após seu retorno para Portugal, António Lobo Antunes atuou como militante da APU⁵ (Aliança do Povo Unido) em 1980, entretanto, distanciou-se da atividade. A partir de 1985, Lobo Antunes dedicou-se quase exclusivamente à escrita, delineando obras que priorizam temas como a morte, a solidão, a frustração de viver/não amar, lançando mão de estilhaços da memória da Guerra Colonial. Essas memórias, encontramos-las em obras como: *Memórias de Elefante* (1979), *Os Cus de Judas* (1979) e *Conhecimento do Inferno* (1980), exitosa trilogia que alçou Lobo Antunes à condição de escritor reconhecido em seu país e lido internacionalmente.

Os Cus de Judas (1979) apresenta-nos um narrador sobre o qual pouco sabemos, a não ser o fato de que fora mandado de Portugal para trabalhar como médico na Guerra Colonial. Observamos aí um eco biográfico, o que faz com que, por vezes, o leitor seja levado a (con)fundir a figura do autor com o mecanismo do narrador. Reside nessa articulação um dos pontos mais interessantes para uma análise do romance em questão, embora não seja este o nosso foco de análise. Importa ainda dizer que a obra é dividida em capítulos de A – Z, ao longo dos quais ficamos sabendo de alguns pormenores sobre a aprendizagem agonizante do narrador ao longo da experiência da guerra.

Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, ou simplesmente Pepetela, é natural de Benguela, Angola. Estudou o Ensino Fundamental no país de origem, mudando-se para Lisboa em 1958. Por motivos políticos, em 1962, instalou-se provisoriamente em Paris e, após seis meses, na Argélia, onde se licenciou em Sociologia. Iniciou o trabalho no MPLA em 1963. Somente no ano de 1974, Pepetela integrou a primeira delegação do MPLA em Luanda, desempenhando o cargo de Diretor do Departamento de Educação e Cultura e do Departamento de Orientação Política. De acordo com a ensaísta Inocência Mata (1993, p. 16), “Pepetela é um romancista que assume sua ‘consciência sociológica’, ao afirmar que escolheu Sociologia para ser escritor e que estuda a sociedade angolana para escrever”.

A Guerra Colonial desenrolou-se entre 1961 e 1974. Portugal vinha conflagrando com os países africanos de língua portuguesa, mais especificamente com Angola, Moçambique e Guiné-Bissau.

Com a Segunda Guerra Mundial finalizada, os sentimentos portugueses para com suas colônias eram mais extremamente possessivos. De um lado, temos a vontade dos

⁵ A Aliança Povo Unido fora uma antiga coligação formada pelo Partido Comunista Português (PCP), Movimento Democrático Português e, após 1983, pelo Partido Ecologista.

colonizadores de reter o poder sobre as colônias, e do outro, os colonizados despertando do sentimento de nacionalidade e querendo ter posse do que lhes pertence – suas próprias terras. Entretanto, as negociações foram demasiadamente complicadas.

Angola, em 04 de fevereiro de 1961, Guiné, em 23 de janeiro de 1963 e Moçambique, em 25 de setembro de 1964 declaram guerra por meio de seus movimentos de libertação nacionais, uma vez que desligar-se politicamente de Portugal e construir coletivamente estados nacionais autônomos e independentes eram os principais objetivos traçados por esses países. Portugal, por sua vez, sustentava a guerra com base no argumento da unidade do território nacional, baseada na ideia de nação descontínua, em que, muitas vezes, ainda ecoava o slogan de propaganda do Estado Novo: “Portugal não é um país pequeno”. O emblema ora destacado se, por um lado, serve de reforço quase psicanalítico, para contradizer a ideia da pequenez territorial portuguesa, por outro, serve de justificativa para alimentar a máquina da guerra, sublinhando a indivisibilidade e a indestrutibilidade do sistema colonial, há muito decadente em uma Europa pós-segunda Guerra Mundial e que já havia descolonizado os seus territórios africanos. Portugal insistia, portanto, em um sistema típico do século XIX incompatível com o novo patamar atingido pelo sistema capitalista.

Somente após 13 anos de incalculáveis perdas que a Guerra Colonial chegou seu fim. “Cada golpe desferido pelos combatentes da libertação na África havia enfraquecido o regime fascista em Lisboa. Cada greve dos trabalhadores ou deserção de soldados portugueses impulsionou as revoluções nas colônias” (CATALINOTTO, 2016, p. 01). Em 25 de abril de 1974, eclode em Lisboa a Revolução dos Cravos, movimento cujo os países de língua oficial portuguesa souberam aproveitar no sentido de desferir o golpe final no falido sistema colonial. Com a redemocratização em Portugal, já não fazia mais sentido a manutenção de um *status quo* imperialista, a partir do qual o governo fascista de Salazar e seu sucessor Marcelo Caetano justificavam a manutenção das ditas colônias africanas e, por conseguinte, a necessidade da Guerra Colonial. Paradoxalmente, é a própria guerra o catalisador da queda do salazarismo e do sistema imperialista português. Terminada a década de 1970, as antigas colônias estavam livres do jugo político português e mergulharam no caos da Guerra Civil. A década de 1980 e primeiros anos de 1990 ficaram marcados na história pelas minas plantadas no solo angolano onde milhares de pessoas, grande parte crianças e adolescentes, foram amputadas, sentindo na própria carne a hemorragia da nação. Quem poderá um dia se esquecer do ativismo da princesa Diana, que ganhou o mundo em imagens chocantes de uma ex África portuguesa destruída.

Entre os anos de 1970 e 1971, Pepetela encontrava-se na guerrilha em Cabinda. Na mesma época, o autor angolano escreveu *Mayombe*. De acordo com Pepetela (2012, p. 4), “O *Mayombe* começa com um comunicado de guerra. Eu escrevi o comunicado e... O comunicado pareceu-me muito frio, coisa para jornalista, e eu continuei o comunicado de guerra para mim, assim nasceu o livro”. O livro revela uma crítica interna ao MPLA, a corrupção, o machismo, bem como o racismo e o tribalismo. A obra pode ser considerada o primeiro testemunho público e assumido de um militante. Pepetela decidiu publicar *Mayombe* somente dez anos depois de sua escrita, por receio de que sua obra trouxesse complicações para si e para a Guerra Colonial, por expor os meandros do MPLA. *Mayombe* pode ser lido como uma grande epopeia, na qual se dessacralizam os heróis, reflexões filosóficas do homem como indivíduo e de seu comportamento como guerrilheiro.

O presente artigo organiza-se em dois momentos a saber: análise dos romances metaficcionalis à luz de teóricos como Linda Hutcheon (1991), Antonio Candido (2000) e Seligmann-Silva (2003); e a discussão da presença da metamorfose dentro dos *corpora*. Partindo das análises das divergências e convergências entre as obras *Os Cus de Judas* e *Mayombe*, interessa-nos paralelamente: a Guerra Colonial, a metamorfose, o narrador e a visão sobre Angola.

1. A literatura de testemunho: entre a ficção e o real

Durante a leitura das obras *Os Cus de Judas* e *Mayombe*, o leitor tende a entrecruzar a literatura com o real, principalmente do narrador *versus* autor, em razão de os autores também terem vivenciado uma experiência similar ao decorrido das obras. Entretanto, é preciso lembrar que há divergências. Ao longo do século XX, a literatura não foi uma mera imitação do mundo. Muito pelo contrário, ela passa a usar o “real” para criar a *literatura de testemunho*. De acordo com Seligmann-Silva, essa literatura “é mais um gênero: é uma fase da literatura que vem à tona na nossa época de catástrofes e faz com que toda a história da literatura [...] seja revista a partir do questionamento da sua relação e do seu compromisso com o ‘real’” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 377).

É possível afirmar que jamais poderemos delimitar onde começa e termina a ficção e a realidade dentro das obras literárias. Para White, os autores sempre usam as experiências “traumáticas” (WHITE, 1994, p. 104) para descrever sutilmente suas experiências, vivências e aprendizados na descrição das obras. Ainda de acordo com White, “os autores nem sempre fazem uso dos mesmos incidentes; quando o fazem, os incidentes são revelados sob luzes

diferentes” (1994, p. 107). Os autores Pepetela e Lobo Antunes trazem a sua visão e experiência distinta da Guerra Colonial, visto que temos o narrador de Lobo Antunes, que fora obrigado pela família e o regime fascista a corroborar o regime. Do outro lado, temos os guerrilheiros do Mayombe que querem a liberdade de Angola.

Ainda embasando-se em outra estudo, Linda Hutcheon afirma (1991, p. 20) “aquilo que quero chamar de pós-modernismo é fundamentalmente contraditório, deliberadamente histórico e inevitavelmente político”. Pode-se confirmar ambas as obras *Os Cus de Judas* e *Mayombe* como romances pós-modernos, uma vez que os romances entrelaçam a história à ficção. Nunca terá a certeza de onde começa uma e termina a outra. Tanto Lobo Antunes quanto Pepetela vivenciaram a guerra e tiveram suas experiências, nas quais e a partir destas, criaram suas metaficções historiográficas. Ainda conforme as palavras de Linda Hutcheon (1991, p. 142)

A metaficção historiográfica mantém a distinção de sua auto-representação formal e de seu contexto histórico, e ao fazê-lo problematiza a própria possibilidade de conhecimento histórico, porque aí não existe conciliação, não existe dialética – apenas uma contradição resolvida [...]

A metaficção historiográfica continua a render frutos na literatura portuguesa e nas literaturas africanas de língua portuguesa. No que se refere a Portugal, livros como *Memorial do Convento* (1982), de Saramago, destacam-se como um dos mais promissores exemplos da metaficção historiográfica apontada por teóricos como Linda Hutcheon (1991). Pode-se dizer que, após um grande período em que se perdeu a capacidade de narrar, as últimas décadas do século XX e a primeira década do século XIX, trazem à tona novamente grandes narrativas. É aí que a metaficção historiográfica encontra vez para florescer.

2. Lobo Antunes: a visão agonizante sobre Angola

A narrativa de *Os Cus de Judas* desenrola-se numa noite, na qual o narrador-personagem discorre num monólogo sobre a sua experiência de vinte e sete meses na guerra. Dentro de um bar, o narrador conversa com uma mulher e lhe conta sobre suas memórias confusas e conturbadas, além das traumáticas experiências da Guerra em Angola. Com uma linguagem ácida, sarcástica, erótica e até mesmo chula, a personagem traz as lembranças de sua infância e inúmeras críticas à Guerra Colonial e a Salazar, bem como à instituição PIDE.

A constante insatisfação é uma marca permanente na narrativa de Antunes. Na obra em questão, o narrador, ao reviver suas lembranças, faz numerosas críticas ao modelo de política que estava presente na sua época. Este deixa explícita sua infelicidade de fazer parte da Guerra Colonial e ter que tomar parte da PIDE. Sempre revivendo seus momentos ruins ao longo de seus 27 meses, o narrador não mede palavras ao descrever as situações decorridas na Guerra em que se insere:

Há onze meses que só vejo morte e angústia e sofrimento e coragem e medo, há onze meses que me masturbo todas as noites, como um puto, a tecer variações adolescentes em torno das mamas das fotografias do cubículo de transmissões, há onze meses que não sei o que é um corpo ao pé do meu corpo e o sossego de poder dormir sem ansiedade, tenho uma filha que não conheço, uma mulher que é grito de amor sufocado num aerograma, amigos cujas feições começo inevitavelmente a esquecer, uma casa mobiliada sem dinheiro que não visitei nunca, tenho vinte e tal anos, estou a meio da minha vida e tudo me parece suspenso à minha volta como as criaturas de gestos congelados que posavam para os retratos antigos. (ANTUNES, 1979, p. 93).

Ao longo do romance metaficcional de Lobo Antunes é possível perceber sua longa experiência com a solidão. Entretanto, não é uma peculiaridade apenas deste autor. Em diversas narrativas pós-modernas nota-se o cunho de incompletude, na qual o sujeito narrador encontra-se numa multidão, porém, ao mesmo tempo, sente-se eremítico. Na obra *Mayombe*, temos passagens em que os guerrilheiros gostariam de uma companhia feminina, entretanto encontram-se isolados na grande floresta que é o Mayombe, longe da capital de Angola e que não pode ser feito nada a respeito. Afinal, estão inseridos numa Guerra, meio no qual precisam lutar para sobreviver.

Diversos são os estudiosos da produção literária António Lobo Antunes e de sua obra *Os Cus de Judas*. De acordo com Costa (2011, p.165) a trilogia de Lobo Antunes promove um percurso de memória e assim a “realização de um trabalho de luto indispensável para a integração dessa faceta desconhecida da identidade coletiva lusitana” (*apud* SILVA, 2011, p. 43). O autor em questão, considera seus três livros como um “tecido contínuo”, que formam apenas um, trazendo uma imensa noção de aprendizagem – sobre a guerra, sua experiência agonizante e principalmente, sua metamorfose.

O narrador autodiegético inicia sua obra conduzindo a sua memória ao ringue de patinagem no Jardim Zoológico. No romance, o narrador-personagem está sempre se remetendo às suas memórias, a partir de um fluxo de memória não linear.

Nota-se uma confusão proposital ao contar sobre a sua vida em razão de sua condição pós-guerra colonial, afinal demasiadamente foram os danos da Guerra. Na obra, o lugar onde o narrador encontra-se no desenrolar da trama define completamente suas ações, constata-se, dessa forma, que é impossível fugir do ambiente em que está inserido. O narrador quando descreve o ambiente que estava inserido, sempre imprime um tom de ironia, deboche, mas principalmente de insatisfação. Por ser um português, conhecia pouco da terra, na qual estava fixado. É preciso lembrar que o narrador fora obrigado tanto pela família quanto pelo sistema salazarista da época. Seu eterno desconforto a “estranha terra”, em que tem que viver seus momentos de guerra. No trecho a seguir, temos uma descrição do seu ponto de vista de Luanda:

E de novo a baía, as palmeiras, os pássaros brancos pernaltas, os cafés de militares, os homens de pasta sebenta que trocavam dinheiro a vinte por cento nas esplanadas, o jogo de ancas das mulatas, os engraxadores, os aleijados, a indescritível miséria dos musseques, as putas do Bairro Marçal iluminadas de viés pelos faróis dos *jeeps*, os sujeitos da roça nos cabarés da Ilha, a apalparem as bailarinas decrépitas com órbitas globulosas de sapos, cidade colonial pretensiosa e suja de que nunca gostei, gordura de humidade e calor, detesto as tuas ruas sem destino, o teu Atlântico domesticado de barrela, o suor dos teus sovacos, o mau gosto estridente do teu luxo. Não te pertença nem me pertences, tudo em ti me repele, recuso que seja este o meu país [...] (ANTUNES, 2001, p. 94)

O trecho acima corrobora com o que afirma Rita Chaves: “nos textos produzidos pelos colonos chama a atenção o destaque dado à natureza africana com descrições minuciosas, em cujas sequências espalham-se a perplexidade, o pavor, a necessidade de domar a sua aparência atemorizando.” (2002, p. 127).

O narrador insatisfeito com sua vida em Angola, procurava sempre uma forma de escapar da sua realidade: entregando-se à embriaguez, a cabarés diferentes, à prostíbulos, masturbando-se e, por fim acordando em camas desconhecidas de mulheres diferentes toda noite. Sendo assim, usava vícios para preencher o vazio interior e para conseguir anestesiá-lo de sua realidade agonizante.

Lobo Antunes inserido no contexto da Guerra Colonial sofreu, como também teve inúmeras experiências, sejam estas traumáticas ou não. Tais experiências fomentaram o surgimento da metamorfose pelo qual o narrador-personagem do romance submeteu-se. O narrador faz uma reflexão ao voltar para casa, do que perdeu ao longo de seu crescimento: o rosto de seus amigos, sua esposa, o nascimento de sua filha, sua casa que jamais mobiliou. Observa-se, na obra, sempre um pesar quando o narrador disserta sobre suas perdas ao longo dos vinte e sete meses na guerra, momentos que o médico jamais poderá reviver ou sequer ter.

A Guerra não fora algo benéfico nem para os portugueses, nem para os africanos. Enquanto os colonizados conseguiam voluntários para unir-se ao MPLA, o regime salazarista obrigava os portugueses a fazer parte da PIDE. O narrador antuniano não mede palavras ao descrever sua insatisfações quanto a instituição em que se inseria, bem como ao regime ditatorial da época:

Estou farto desta merda pelo amor de Deus arranja-me uma doença qualquer, Deserta gritavam os papéis do MPLA, Deserta Deserta Deserta Deserta Deserta DESERTA, a locutora da radio na Zâmbia perguntava Soldado português porque lutas contra teus irmãos mas era contra nós próprios que lutávamos [...]. (ANTUNES, 1979, p. 120).

As críticas são expostas do início ao fim do livro. O narrador explicita sua posição ao leitor: a guerra não foi uma situação em que ele queria ter passado. Para Seligmann-Silva, o autor da obra o usou “o ‘real’ como trauma – como uma ‘perfuração’ na nossa mente e como uma ferida que não se fecha – então fica fácil de compreender o porquê do redimensionamento da literatura [...]” (SILVA, 2003, p. 387).

3. Pepetela: o futuro pretendido para Angola

Pepetela seduz a atenção do leitor ao produzir uma narração polifônica, no romance *Mayombe*. A polifonia, nesse romance, acontece quando, a cada início de narração, temos a voz de um guerrilheiro narrando seu ponto de vista da guerra, sua opinião e principalmente suas dúvidas e convicções. Para Tindó Secco, o autor usa o artifício da polifonia para “enfeitiçar” o leitor, como também traz reflexões dos diversos narradores, demonstrando dentro de cada fala, a tirania (2003, p. 36). Ao mesclar realidade e ficção, o livro tem um alto teor filosófico, político, como também um caráter biográfico. Sabe-se que o autor participou da guerrilha, que

“a luta pela libertação nacional é uma das poderosas inscrições no texto do autor” (PADILHA, 2007, p. 57).

Mayombe, ao dar voz aos diversos guerrilheiros envolvidos no conflito, acaba por tecer um posicionamento crítico sobre atuação política do MPLA na guerra. Sendo, dessa forma, considerado um testemunho da realidade que ocorria nas guerrilhas. No decorrer da narrativa, há ainda, diversas ponderações sobre racismo, corrupção e o tribalismo que se operavam dentro do partido. Esse processo pode ser lido também como uma representação da própria Angola.

De acordo com Abdala Junior, “as literaturas contemporâneas de ênfase social em língua portuguesa procuram construir formas de apropriações ‘comprometidas’ em suas aspirações sociais com a ótica popular” (2007, p. 74). Em 1971, o autor, inserido em uma Angola em conflitos com Portugal, construiu seu livro, *Mayombe*, carregado de interações ideológicas. Durante a leitura da obra, a fala dos personagens são pautadas em um estudo político sociológico. Na citação, temos a personagem Mundo Novo fazendo a sua narração acerca de seu ponto de vista:

Como se fosse possível fazer-se uma Revolução só com homens interesseiros, egoístas! Eu não sou egoísta, o marxismo-leninismo mostrou-me que o homem como indivíduo não é nada, só as massas constroem a História. Se fosse egoísta, agora estaria na Europa, como tantos outros, trabalhando e ganhando bem. Porque vim lutar? Porque sou desinteressado. [...] Eu libertei-me, graças ao marxismo. (PEPETELA, 1993, p. 50)

Os Guerrilheiros do MPLA eram obrigados a ter uma formação política, em razão de que o país estava em plena construção. Precisavam de homens bem formados, engajados politicamente e que entendessem a necessidade do seu povo. A PIDE estava em Angola apenas para cumprir uma função que lhe era obrigada. Contrariamente, os guerrilheiros do MPLA lutavam com afinco, pois queriam fazer acontecer a Guerra da Libertação. Segundo Priscila Henriques Lima (2011, p. 240):

Coube ao MPLA o papel de politizar a sociedade angolana por meio da construção de seu nacionalismo, e na obra essa função é delegada a personagem Comissário Político, responsável pela formação política dos quadros de movimento e pela condução política da guerrilha, onde por meio dos ensinamentos partidários, os militantes defenderiam a causa pelo motivo

correto: o fim da exploração da nação angolana, evitando assim os arroubos por quaisquer os motivos relevantes. A ele caberia conscientizar a população para a formação da nação angolana, e esse papel do MPLA, corroborando com a lógica intelectual coletivo de Gramsci, onde “o agente da vontade coletiva transformadora não pode mais ser encarnado por um indivíduo”², no que ele chamou de um “moderno Príncipe”, diferente de Maquiavel que atribuía tais funções a uma pessoa singular.

Pepetela estava em Cabinda, envolvido nas guerrilhas e com a educação dos guerrilheiros. A escrita do autor é considerada como uma maneira de levar a “realidade para ficção”, em razão de que não somente em sua obra *Mayombe*, temos o seu meio social inserido, bem como nas obras *As Aventuras de Ngunga* (1976), *Geração Utopia* (1992), *A Gloriosa Família* (1992) etc. Para Antonio Candido, “a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre” (CANDIDO, 2000, p. 19). Inseridos numa época de Guerra, a obra mostra uma relação entre o literário e o real, a literatura de testemunho é, dessa forma, o norteador da narrativa de *Mayombe*. É perceptível que nas obras pós-modernas, a literatura e a sociedade caminham lado a lado, uma vez que o texto é usado para fazer com que as atitudes sociais sejam repensadas e analisadas, para uma melhoria no futuro da própria sociedade. Os narradores do *Mayombe* demonstram em suas falas a vontade da libertação de seu povo, de uma melhoria social para os angolanos.

Na floresta do Mayombe, contemplamos principalmente sua flora. A floresta-personagem, meio no qual os guerrilheiros vivem é sempre mencionada como um ser superior. O “deus-Mayombe” (PEPETELA, 1993, p. 42) é enaltecido e colocado como uma mãe, pois protege, alimenta e dá abrigo. Tanto Pepetela quanto seus guerrilheiros, filhos da terra angolana, demonstram, por meio de suas palavras, o afeto que sentem pela floresta. No capítulo “A base”, é feita tal descrição:

O Mayombe tinha aceitado os golpes dos machados, que nele abriram um clareira. Clareira invisível do alto dos aviões que esquadriavam a mata, tentando localizar nela a presença dos guerrilheiros. As casas tinham sido levantadas nessa clareiras e as arvores, alegremente formaram uma abóboda de ramos e folhas para as encobrir. Os paus serviam para as paredes. [...] Os paus mortos das paredes criaram raízes e agarram-se à terra e as cabanas tornaram-se fortalezas. [...] A folhagem da abóboda não deixava penetrar o sol e o capim não cresceu em baixo, no terreiro limpo que ligava as casas. Ligava, não: separava com amarelo, pois a ligação era feita pelo verde. (PEPETELA, 2013 p. 65)

Na plurivocalidade dos guerrilheiros, Pepetela traz a visão majestosa de Angola. O país africano é engrandecido, uma vez que o autor tem um profundo respeito e amor pela terra. Lutando contra os tugas⁶, os narradores fixam sua posição quanto às suas certezas: que os tugas deveriam parar com a exploração da sua terra e retirar-se o mais rápido possível, legando a tão almejada liberdade. Os guerrilheiros tomam a voz para expressar seus sentimentos e sua indignação quanto ao fato da colonização. No trecho a seguir, esse sentimento é identificado: “Sacanas colonialistas, vão a merda, vão para vossa terra. Enquanto estão aqui, na terra dos outros, o patrão está a comer a vossa mulher ou irmã, cá nas berças!” (PEPETELA, 1980, p. 18).

4. As imagens da metamorfose presente nas obras

A todo momento estamos em constante mudança. Seja por nós mesmos, pelo nosso meio de convivência e principalmente pelo meio social. Ambos os autores, inseridos no contexto da Guerra Colonial sofreram, como também tiveram inúmeras experiências, sejam elas traumáticas ou não. Tais experiências fomentaram o surgimento da metamorfose pelo qual os personagens de ambos os romances submeteram-se.

No romance de Lobo Antunes, a metamorfose é citada desde o início do livro. As imagens da metamorfose são desencadeadas pelo fato de o narrador trazer as suas memórias da infância, sua ida ao colégio católico, suas experiências masturbatórias e então sua experiência com a Guerra. Na página 15 (capítulo A) do romance de Lobo Antunes, temos o trecho no qual a família afirma “Felizmente que a tropa há-de torná-lo um homem” (ANTUNES, 1979, p. 15). Percebe-se que toda a família do narrador mantém toda uma expectativa em cima deste ir para guerra e trilhar a mesma vida que os patriarcas passadas tiveram. Entretanto, no decorrer da narrativa, tem-se a confirmação de que o narrador-personagem nega-se *ser* aqueles do antepassado. Este quer apenas ter sua vida normatizada, não participar de uma parede de medalhas e honrarias.

No desenrolar do romance, esse processo da metamorfose acontece em diversos pontos de sua vida, para ter “a dolorosa aprendizagem da agonia” (ANTUNES, 2001, p. 43). No trecho acima, o narrador-personagem refere-se ao que irá passar ao longo da Guerra Ultramar, o que irá aprender, as perdas que terá, etc. Ainda mostrando sobre a metamorfose, temos mais explicitamente:

⁶ Este termo assume, na obra *Mayombe*, um caráter depreciativo ou ao menos de estigmatização do colonizador.

[...] tornara-me um homem: uma espécie de avidez triste e cínica, feita de desesperança cúpida, de egoísmo, e da pressa de me esconder em mim próprio, tinha substituído para sempre o frágil prazer de alegria infantil, do riso sem reservas nem subentendido, embalsamado de pureza, e que me parece escutar, sabe?, de tempos em tempos, à noite, ao voltar para casa, numa rua deserta, ecoando nas minhas costas numa cascata de troça. (LOBO ANTUNES, 2001, 33)

Após alguns meses em Angola, o narrador-personagem que já viveu a morte, solidão, a experiência de procurar prostíbulos para saciar seu desejo sexual, assim como utilizara o álcool diariamente para anestésiar a si próprio. A metamorfose dele já tinha iniciado, instalara-se em seu corpo, fazendo com que tudo ao redor fosse a agonizante aprendizagem da vida.

Na obra *Mayombe*, a metamorfose é desencadeada em duas personagens: Sem Medo e Comissário Político. Sem Medo desempenha um papel fundamental na narrativa. Como afirma Secco, um personagem-metáfora da resistência e nacionalidade:

Mayombe apresenta uma técnica narrativa inovadora. Constrói-se dialogicamente pela polifonia de vozes narradoras a quem o narrador em terceira pessoa cede a palavra, evidenciando a relatividade dos pontos de vista. O discurso enunciador discute, assim, a ambiguidade do poder e da liberdade, repensando tais conceitos, dialeticamente, não só pelo prisma social, mas também pelo existencial. (SECCO, 2003, p. 37)

A relação das personagens Comissário Político e Sem Medo não é somente ideológico, mas também ambos amadurecem e se metamorfoseiam juntos. Podemos ter uma visão de um pai, cuidando de um filho ou de dois amigos em constante diálogo para um crescimento mútuo. Sem Medo chama João (Comissário Político) de miúdo, diversas vezes.

Sem Medo é considerado por diversos estudiosos, Ogum, o Prometeu Africano, aquele que estava lutando para a libertação de Angola. Para Secco, “João, o Comissário Político, é o duplo invertido de Sem Medo. Enquanto este é firme e racional, aquele embora reduplique as ideias do Comandante, é inseguro e hesitante.” (SECCO, 2003, p. 39). No final da narrativa de *Mayombe*, o Comissário é traído por Ondina e em pouco tempo também perde Sem Medo, numa luta contra o colono. De acordo com Tindó Secco, “a narrativa de *Mayombe* cresce, pois passa a discutir não apenas a guerra e a relatividade dos pontos de vista ideológicos, mas a aprendizagem do jogo, do amor, do prazer e da amizade” (SECCO, 2003, p. 40).

A metamorfose dá-se de forma dolorosa e agonizante, porém necessária. Afinal, todo processo de mudança nunca é feliz ou fácil. No epílogo, o narrador Comissário Político discorre sobre sua metamorfose “a morte de Sem Medo constituiu para mim a mudança de pele dos vinte e cinco anos, a metamorfose. Dolorosa, como toda metamorfose. Só me apercebi do que perdera (talvez meu reflexo dez anos projetado à frente), quando o inevitável se deu.” (PEPETELA, 1980, p. 171).

Considerações finais

Constata-se que as obras *Os Cus de Judas* (1979) de Lobo Antunes e *Mayombe* (1971) de Pepetela têm demasiada importância como uma literatura de testemunho, uma vez que pavimentam o caminho de uma série de romances da década de 1980, pós Revolução dos Cravos. Esta literatura pós 25 de abril será fundamental para se fazer um balanço de modelo colonial sustentado pelo salazarismo, em razão de que as colônias tiveram sua então liberdade alcançada. É válido frisar que a Guerra em si não apenas libertou Angola, mas também Portugal. Na obra *Os Cus de Judas*, o narrador-personagem, assim como os guerrilheiros da PIDE deixam explícito sua obrigatoriedade em participar da Guerra Colonial. Portanto, a libertação funciona como uma mão de via dupla: Angola e Portugal estão livres do regime colonial imposto por Salazar.

Os autores pós-modernos então, usam de sua realidade para construir algo, que nós, os leitores, nunca teremos a confirmação de onde eles iniciam a sua ficção e até onde usam de sua realidade para compor os instigantes romances, aqui cotejados. Por fim, ambas as obras são relevantes exemplos de metaficção historiográfica em Portugal e Angola, caminho que será trilhado por diversos outros escritores, e parecem constituir, a despeito de consistirem em sistemas literários distintos, temas e modos de construir a narrativa que continuam a estabelecer laços entre Portugal e países africanos de língua portuguesa, nesse caso específico, Angola.

Referências

ANTUNES, António Lobo. *Os Cus de Judas*. Lisboa: Editora Dom Quixote, 21^a ed, 2001.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: T. A. Queiroz, 8^a ed., 2000.

CATALLINOTO, John. Texto foi publicado no passado dia 25 de abril de 2016, em: <http://www.workers.org/articles/2016/04/25/african-liberation-struggles-drove-portugals-april-1974revolution/>

CHAVES, Rita e MACEDO, Tania. *Mayombe: um romance contra correntes*. 2002.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão... [et al.]. 5^a ed., Campinas: SP: Editora UNICAMP, 2003.

LIMA, Priscila Henriques. Análise da obra literária *Mayombe* no contexto da guerra de libertação angolana. In: *Revista Litteris*, n. 8, p. 233-248, 2011.

MACEDO, Tânia & CHAVES, Rita. *Literaturas de língua portuguesa: marcos e marcas*. Angola; São Paulo: Editora Arte & Ciência, 2007.

MATA, Inocência; e Laura Cavalcante Padilha. *Ficção e história na literatura angolana: o caso de Pepetela*. Edições Colibri, 1993.

PADILHA, Laura Cavalcante. “Ficção e guerra angolana: a perda da inocência”. In: Rita Chaves; Tania Macêdo; Rejane Vecchia. (Org.). *A kinda e a misanga*. 1^a ed., São Paulo; Luanda: Cultura Acadêmica; Nzila, 2007, v. 1, p. 55 – 61.

PEPETELA. *Mayombe*. Alfragide & Portugal: Dom Quixote, 5^a ed., 1993.

__ A entrevista foi originalmente publicada na Revista Caju, no dia 30 de Dezembro de 2011. Disponível em: <http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/nao-se-festeja-a-morte-de-ninguem-entrevista-a-pepetela>

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Editora Unicamp, 2003.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. *A magia das letras africanas: ensaios escolhidos sobre as Literaturas de Angola e Moçambique e alguns outros diálogos*. ABE Graph Editora, Barroso Produções Editoriais. RJ: Rio de Janeiro, 2003.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso – ensaios sobre a crítica da cultura*. Vol. 6. Edusp, 1994.

